

CRISE DO CAPITALISMO GLOBAL, DESMEDIDA DO VALOR E AS MUTAÇÕES ORGÂNICAS DA TOTALIDADE VIVA DO TRABALHO - NOTAS CRÍTICAS SOBRE O CAPITALISMO DO SÉCULO XXI

Resumo

O objetivo destas notas críticas é expor as transformações radicais na forma de ser do proletariado mundial a partir das alterações na dinâmica da produção do valor por conta do aumento da composição orgânica do capital e a manifestação efetiva da desmedida do valor. Iremos tratar da alienação universal e a disseminação da condição existencial de proletariedade, a crise da sociedade do trabalho abstrato e o mundo social dos serviços e a desfiguração dos parâmetros de produção de mais-valor e, portanto, do complexo categorial

que explica a exploração da força de trabalho, por conta da manifestação da desmedida do valor por conta do salto mortal da produtividade do trabalho na era do capitalismo global.

Palavras-chave: Trabalho. Capitalismo. Exploração. Precariedade. Precarização.

Giovanni Alves

Livre-docente em Teoria Sociológica e Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP. Professor de Sociologia Trabalho da UNESP – Campus de Marília. E-mail: giovanni.alves@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo é expor algumas notas críticas sobre mutações orgânicas na totalidade viva do trabalho por conta da dinâmica da acumulação do capital em sua etapa de crise estrutural. Existem transformações radicais na forma de ser do proletariado mundial que expressam alterações na dinâmica da produção do valor por conta do aumento da composição orgânica do capital e a manifestação efetiva da desmedida do valor. Esta mudança crucial na relação capital constante/capital variável é a chave heurística capaz de explicar o surgimento da *nova precariedade salarial*, expressão social do modo de organizar a exploração e dominação do capital no plano do consumo da força de trabalho como mercadoria no século XXI.

A hipótese principal das notas críticas sobre a nova morfologia social do trabalho na era do capitalismo global é que o surgimento da *nova precariedade salarial* (ALVES, 2017), com destaque para as formas de contratação precária e a informalidade salarial, possui *causalidades estruturais* vinculadas à vigência da “desmedida do valor” e a alterações profundas na estrutura categorial do trabalho abstrato. Portanto, expô-las apenas como alterações político-institucionais da ofensiva neoliberal, visando à flexibilização da legislação

trabalhista, oculta a natureza íntima das mudanças orgânicas da produção do capital que condicionam a práxis sistêmica.¹

Deste modo, presenciamos, nos primórdios do século XXI, por conta das profundas mudanças tecnológicas na produção capitalista ocorridas desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o aumento da composição orgânica do capital no plano do mercado mundial e a efetividade do fenômeno da “desmedida do valor”, elementos compositivos da nova estrutura de produção do capital que *condicionam* importantes alterações superestruturais no sentido da organização social do proletariado e modos de exploração do trabalho vivo.

Não nos interessa tratar aqui das controvérsias marxistas sobre a utilização clássica da teoria da “lei” tendencial de queda da taxa média de lucro proposta por Marx para explicar a crise do capital nas condições históricas do capitalismo global. Indicamos alguns autores importantes para discutir esta candente questão como Michael A. Lebowitz (“Marx’s falling rate of profit: a dialectical view”, *The Canadian Journal of Economics*. 9, 1976, p.248-9); Anwar Shaik (*Valor, Acumulación y crisis – Ensayos de economía política*, Buenos Aires: ediciones ryr, 2006); Manuel Castells (*A teoria marxista das crises econômicas e as transformações do capitalismo*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979); Chris Harman (*Zombie Capitalism – Global crisis and the relevance of Marx*, Chicago: Bookmarks publication, 2009) e Guglielmo Carchedi (*Behind the Crisis - Marx's Dialectics of Value and Knowledge*, Brill, 2011). Estas anotações pretendem apenas apresentar elementos preliminares (ou hipóteses) sobre as mutações orgânicas da totalidade viva do trabalho derivadas de alterações na estrutura do ser do modo de produção capitalista por conta da crise do trabalho abstrato nas condições históricas do capitalismo global. De acordo com cada formação social historicamente determinada, tais mutações orgânicas da totalidade viva do trabalho assumem formas particulares e concretas de expressar a *nova precariedade salarial* nos limites da luta de classes postas nos modos singulares de entificação capitalista.

¹ Afirmar que existem determinações *estruturais* na dinâmica do desenvolvimento capitalista, tais como, por exemplo, o aumento da composição orgânica do capital no plano do sistema mundial por conta do aumento crescente do capital constante em relação ao capital variável (em termos de valor); e o “salto mortal da produtividade do trabalho” levando à “desmedida do valor”, *não* significa que adotamos um viés *estruturalista* na interpretação do desenvolvimento histórico (seria o mesmo que acusar o Marx d’O *Capital* de ser...estruturalista). Na ótica dialética, reconhecer que existem determinações estruturais não significa desprezar o protagonismo do sujeito humano na história. Enfim, existe efetivamente uma dialética entre sujeito e estrutura. Como observou Karl Marx no *18 Brumário de Luis Bonaparte*, “os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim *sob aquelas com que se defrontam diretamente*, legadas e transmitidas pelo passado.” (Marx, 2003). Portanto, o sujeito humano *faz a história*, mas *sob determinadas condições objetivas*, dadas, diríamos melhor, determinações *estruturais* – legadas e transmitidas pelo passado ou pelo modo de ser-precisamente-assim do modo de produção capitalista.

1. Alienação e condição de proletariedade

No capítulo 23 do livro 1 de “O capital”, Karl Marx operou um interessante movimento categorial, indo da discussão da acumulação do capital produtivo (progresso da acumulação e seus impactos na parte variável do capital) à discussão da produção progressiva de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva. Deste modo, Marx expõe a constituição histórica da *condição existencial de proletariedade* e, depois, o movimento da proletariedade como totalidade viva do trabalho na perspectiva da produção da sua redundância. Na verdade, as formas de existência da superpopulação relativa do capital – *líquida, latente e estagnada* - representam a exposição em movimento da volubilidade (ou flexibilidade estrutural) da própria *proletariedade* (MARX, 2013). Enfim, *eppur si muove*: a proletariedade se move – diria Marx. Mesmo a *forma estagnada* da população trabalhadora excedente pode mover-se para baixo – o inferno do *pauperismo*.

Ao mesmo tempo, ao lado do movimento expansivo da proletariedade, temos o movimento dialético-categorial da lei geral da acumulação capitalista no qual está contida em-si, a dinâmica da crise do capitalismo, expressa no aumento da composição orgânica do capital e na queda tendencial da taxa média de lucro, raiz da crise estrutural de valorização do capital. Portanto, a crise do capitalismo global está contida no movimento progressivo da acumulação do capital que, ao mesmo tempo, expõe a constituição progressiva da superpopulação relativa do capital em sua nova forma histórica (o que delinearemos a seguir).

Com o capitalismo global, ampliou-se, no plano histórico-universal, a condição de proletariedade, isto é, a condição existencial de homens e mulheres que estão subsumidos ao metabolismo social estranhado do capital. Num furor visionário em 1847, Karl Marx e Friedrich Engels, no livro “A Ideologia Alemã”, conseguiram apreender o aprofundamento, ampliação e intensificação da “alienação humana” nas condições históricas do capitalismo desenvolvido como sistema-mundo: o capitalismo global. É interessante expormos a longa citação – dizem eles:

Esta 'alienação' pode ser superada, naturalmente, apenas sob dois pressupostos práticos. Para que ela se torne um poder 'insuportável', isto é, um poder contra o qual se faz uma revolução, é necessário que tenha produzido a massa da humanidade como massa totalmente 'destituída de propriedade; e que se encontre, ao mesmo tempo, em contradição com um mundo de riquezas e de cultura existente de fato — coisas que pressupõem, em ambos os casos, um grande incremento da força produtiva, ou seja, um alto grau de seu desenvolvimento; por outro lado, este desenvolvimento das forças produtivas (que contêm simultaneamente uma verdadeira existência

humana empírica, dada num plano histórico-mundial e não na vida puramente local dos homens) é um pressuposto prático, absolutamente necessário, porque, sem ele, apenas generalizar-se-ia a escassez e, portanto, com a carência, recomençaria novamente a luta pelo necessário e toda a imundície anterior seria restabelecida; além disso, porque apenas com este desenvolvimento universal das forças produtivas dá-se um intercâmbio universal dos homens, em virtude do qual, de um lado, o fenômeno da massa "destituída de propriedade" se produz simultaneamente em todos os povos (concorrência universal), fazendo com que cada um deles dependa das revoluções dos outros; e, finalmente, coloca indivíduos empiricamente universais, histórico-mundiais, no lugar de indivíduos locais. Sem isso, 1) o comunismo não poderia existir a não ser como fenômeno local; 2) as próprias forças do intercâmbio não teriam podido se desenvolver como forças universais, portanto insuportáveis, e permaneceriam circunstâncias" domésticas e supersticiosas e (3) toda ampliação do intercâmbio superaria o comunismo local. (MARX e ENGELS, 2007)

Foi com o capitalismo global que se constituiu, efetivamente e de modo pleno, o mercado mundial (o que denominamos *mercado global*, isto é, o mercado mundial na era do capitalismo global). Por ironia da história, não coube à *mundialização produtiva* a constituição do mercado global, mas sim a *mundialização financeira*. O capital especulativo-parasitário, que nasceu da financeirização da riqueza capitalista, opera com desenvoltura numa dimensão superior acima das unidades intranacionais, na esfera para além do Estado-nação, nas instâncias supranacionais desregulamentadas e flexibilizadas para a movimentação livre dos capitais financeiros, promovendo, num patamar mais elevado, a concorrência universal inscrita desde a origem primordial do capitalismo histórico, no modo de ser do capital como movimento de autovalorização do valor. Com o mercado global, o *capital em geral* se manifestou efetivamente, exercendo com vigor o desmonte das instâncias de regulação do Estado-nação, correndo as instituições fundantes da vontade popular e instaurando o Estado de exceção como a nova normalidade capitalista (AGAMBEN, 2003). Na era do capitalismo global (1980-2015), o capitalismo predominantemente financeirizado, presenciamos o alto desenvolvimento das forças produtivas sociais do trabalho, impulsionadas pela ocorrência de duas revoluções tecnológicas no bojo da Terceira Revolução Industrial (a revolução informática e a revolução informacional) e o anúncio da Quarta Revolução Industrial (a Indústria 4.0) (ALVES, 2011).

No tempo histórico do capital global, constituiu-se, no plano histórico-mundial, o mundo de riqueza e cultura em contradição “insuportável” com a massa da humanidade como massa totalmente 'destituída de propriedade. Eis o ponto crucial: a condição existencial de proletariado, nas condições históricas do capitalismo global, adquiriu um estatuto histórico-mundial (ou universal-concreto) e não meramente local. Pela primeira vez, podemos falar de

um proletariado efetivamente universal. Trata-se de um fato prático-sensível indiscutível que caracteriza o sistema-mundo do capital em sua etapa mais desenvolvida (século XXI). É claro que, deste fato prático-sensível não se deve deduzir imediatamente a *revolução social*, como nossos autores sugerem (dizem eles: “[...] poder 'insuportável', isto é, um poder contra o qual se faz uma revolução”), do mesmo modo que não se deve deduzir a *classe social do proletariado* da vigência da condição existencial de proletariedade como fato sociológico. A *condição existencial* é apenas um pressuposto da classe social em-si e para-si, mas não propriamente aquela *classe social* no sentido lato de sujeito histórico capaz de operar a “negação da negação”. A classe social do proletariado, a classe-social-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 1995), capaz de fazer a revolução social, é produto do processo de formação do *sujeito histórico de classe*, processo histórico contingente, político, ideológico e cultural, expressão da “força da sociedade” contra a alienação humana.

A questão é que o fenômeno da massa "destituída de propriedade" ou massa do povo destituída do controle social e imersa na alienação humana, que se produziu simultaneamente em todos os povos (concorrência universal), compõe a “classe” dos trabalhadores assalariados empregados e desempregados subordinados às experiências vividas e percebidas da condição de proletariedade e seus *atributos existenciais* (subalternidade, acaso e contingência, inseguranças e descontrole existencial, incomunicabilidade e corrosão do caráter, deriva pessoal e sofrimento, risco e periculosidade, invisibilidade social e desterritorialização, experimentação e manipulação, prosaísmo e desencantamento, azar) (ALVES, 2013). Enfim, a condição de proletariedade é a condição existencial da totalidade viva do trabalho apreendida como *multidão, massa e povo*, mas não ainda como *classe* – em si e para –si (ALVES, 2008).

2. Crise da sociedade do trabalho abstrato e o mundo social dos *serviços*

No capitalismo do século XXI, um contingente amplo e crescente da "classe" do proletariado no século XXI, a “massa destituída de propriedade” ou massa submetida ao aviltamento da existência humana, o mundo social do trabalho vivo não produz efetivamente mais-valor, ou seja, elas estão inseridas em ocupações improdutivas para o capital. Na era do capitalismo global tornou-se plenamente perceptível que ocorreu a redução quantitativa (com repercussões qualitativas) do mundo do trabalho produtivo de mais-valor. Como observa Antunes, depois de Marx, “a ‘diminuição do fator subjetivo do processo de trabalho em relação aos seus fatores objetivos’ ou ‘o aumento crescente do capital constante em relação ao

variável’ reduz relativamente, mas não elimina, o papel do trabalho coletivo na produção de valores de troca.” (ANTUNES, 1995). A *crise do trabalho abstrato* (o que produz efetivamente valor) decorreu do aumento da composição orgânica do capital, ou seja, o aumento crescente do capital constante em relação ao capital variável (em termos de valor) (MARX, 2013).

Por outro lado – e por decorrência da crise do trabalho abstrato – disseminou-se, intensa e extensivamente, pela vida social aquilo que denominamos de *formas derivadas de valor*. Elas demonstram que, embora presenciemos a crise do trabalho abstrato, o *trabalho abstrato derivado*, a forma ideológica do trabalho abstrato, o *trabalho abstrato virtual* (OLIVEIRA, 2013), forma exótica de trabalho abstrato que não produz valor, assumiu dimensões exacerbadas. Por exemplo, a introdução da lógica produtivista de cariz gerencialista na administração pública é um modo de disseminar, no seio de *trabalhadores improdutivos exteriores à produção do capital*, o trabalho abstrato – *trabalho abstrato derivado* que não produz mais-valor. Apesar de não produzirem mais-valor, os trabalhadores públicos estão implicados com a lógica estranhada do trabalho abstrato disseminado na sociedade burguesa. Esta é uma das contradições candentes do capitalismo global no século XXI.

A crise estrutural de valorização do valor por conta da redução em termos relativos do trabalho produtivo de mais-valor não significou, absolutamente, o desaparecimento do núcleo orgânico de trabalhadores produtivos do capital, que cresceu em *termos absolutos*, embora não em termos relativos, na indústria e nos serviços capitalistas, principalmente nos países de desenvolvimento capitalista hipertardio. Apesar de sua redução quantitativa (em termos relativos), o ser que trabalha produzindo mercadorias mantém, ainda, papel estruturante na dinâmica sistêmica do capital. Por exemplo, a expansão da industrialização pela China, Sudeste Asiático e inclusive África, e o movimento de privatização e expansão de serviços capitalistas fez aumentar, em termos absolutos, a massa de trabalhadores produtivos no conjunto da “classe” do proletariado mundial.

Entretanto, em contrapartida, o aumento exponencial da produtividade do trabalho nas últimas décadas, com a utilização crescente de técnicas de racionalização da produção do capital, métodos de gestão toyotista e novas tecnologias robóticas e informacionais, que automatizaram e intensificaram o processo de trabalho, reduzindo, em termos relativos, o *quantum* do trabalho vivo da produção de valor, mesmo nos serviços capitalistas,

contribuíram efetivamente para “enxugar” a classe operária na indústria e nos serviços capitalistas. Deste modo, concordando com Ricardo Antunes e Robert Kurz, defendemos que a crise do capitalismo global é efetivamente a crise da *sociedade do trabalho abstrato* e não a crise do trabalho concreto que, pelo contrário, ampliou-se e metamorfoseou-se como uma imensa “massa destituída de propriedade”, implicada, mesmo em sua improdutividade, com formas derivadas de valor e, portanto, com o trabalho abstrato derivado (ANTUNES, 1995; KURZ, 1992).

Francisco de Oliveira utilizou, sem maiores esclarecimentos, a expressão “trabalho abstrato virtual” para caracterizar a forma “exótica” de trabalho abstrato que surgiu com o “salto mortal da produtividade do trabalho em direção à plenitude do trabalho abstrato”. Disse ele:

No fundo, só a plena validade da mais-valia relativa, isto é, de uma altíssima produtividade do trabalho, é que permite ao capital eliminar a jornada de trabalho como mensuração do valor da força de trabalho, e com isso utilizar o trabalho abstrato dos trabalhadores ‘informais’ como fonte de produção de mais-valor. Este é o lado contemporâneo não-dualista da acumulação de capital na periferia, mas que começa a se projetar também no núcleo desenvolvido. (OLIVEIRA, 2013).

A plena validade da mais-valia relativa ou a síntese entre mais-valia absoluta e mais-valia relativa, como disse Oliveira, ocasionou mudanças orgânicas fundamentais no modo de produção do valor e na morfologia social do trabalho.

3. A desfiguração dos parâmetros de produção do valor

O “salto mortal da produtividade do trabalho em direção à plenitude do trabalho abstrato”, primeiro, implodiu a *jornada de trabalho* como chave de mensuração do valor da força de trabalho. A jornada de trabalho é constituída pelo tempo de trabalho total e tempo de trabalho da produção ou trabalho não-pago (o tempo total da jornada de trabalho e o tempo de trabalho excedente em contraposição ao tempo de trabalho necessário).

Todo o crescimento da produtividade do trabalho, que não apenas faz o trabalhador produzir mais em menos tempo de trabalho por meio da intensificação do trabalho, mas promove a desvalorização do valor da força de trabalho, reduzindo, deste modo, o tempo de trabalho necessário, é a luta do capital para encurtar a distância entre tempo de trabalho total e tempo de trabalho da produção, ou seja, transformar todo o tempo de trabalho em trabalho não-pago ou trabalho excedente apropriado pelo capital. Então, graças à exacerbação da

produtividade do trabalho desaparecem os tempos de não-trabalho: todo o tempo de trabalho é tempo de produção (OLIVEIRA, 2013).

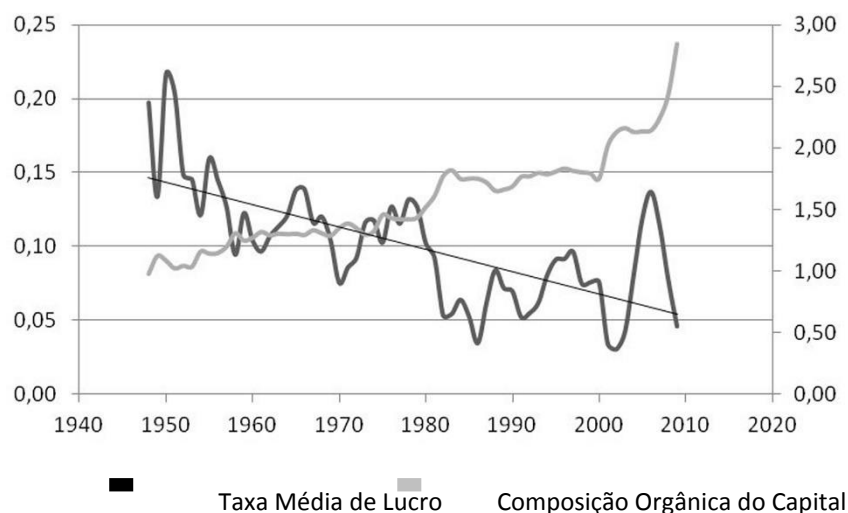
O “salto mortal da produtividade do trabalho” no *locis* de produção de valor implicou um duplo movimento no plano dos locais de trabalho: (1) o aumento do capital constante em relação ao capital variável; e (2) a intensificação do trabalho por meio de novos métodos de racionalização capitalista, na medida em que a gestão toyotista acopla-se às novas máquinas informacionais (uma das características da nova precariedade salarial). Portanto, na dimensão imediata, mais trabalho (ROSSO, 2012),

No plano mediato, que diz respeito à composição orgânica do capital (em termos de valor), o aumento da produtividade do trabalho implicou maior *quantum* de capital constante em detrimento do capital variável; ou trabalho morto em detrimento de trabalho vivo (o que representa o alto nível de utilização de meios tecnológicos no processo de produção capitalista). Vejamos o gráfico abaixo onde G. Carchedi demonstrou o aumento da composição orgânica do capital nas primeiras décadas de capitalismo global (1980-2010) com destaque para os setores produtivos nos EUA:

Gráfico 1

Taxa Média de Lucro e Composição Orgânica do Capital

Setores produtivos (EUA)
(1948-2009)



Fonte: CARCHEDI, Guglielmo. *Behind the Crisis-Marx's Dialectics of Value and Knowledge*, Brill, 2011.

O “salto mortal da produtividade do trabalho” expõe a “desmedida do valor”, isto é, a *corrupção da medida do valor*, tornando-a indeterminada e perdendo a sua relação necessária com os preços. Diz Prado:

[A desmedida do valor] acontece sempre que deixam de existir as condições necessárias – reprodutibilidade da mercadoria e equiparação dos tempos de trabalho – para a formação do tempo socialmente necessário. Quando essas condições faltam, a medida se torna mais ou menos indeterminada, perdendo assim a sua relação necessária com os preços. (PRADO, 2005).

O valor-trabalho deixa de ser o lastro da regulação do sistema do capital, provocando, assim, mudanças cruciais nos parâmetros de reprodução sistêmica no que diz respeito à (1) forma do dinheiro, (2) a categoria “lucro” e (3) às categorias da exploração da força de trabalho (por exemplo, capital variável e a forma-salário).

A desmedida do valor possui múltiplas implicações na dinâmica do capitalismo tardio. Ela aprofunda a crise do capitalismo global como crise estrutural do capital. Eleutério Prado (2005) salienta a posição (ou surgimento efetivo) do *dinheiro fictício* ou dinheiro sem valor. A desmedida do valor provocou uma transformação profunda na forma do dinheiro com a abolição do dinheiro mundial conversível em ouro. Deste modo, o suporte material da forma dinheiro passou a ser imposto administrativa e politicamente pelo poder do Estado – não mais o Estado-nação, mas o Estado imperial do capital lastreado no poder do dólar como dinheiro fictício mundial. É a *politização da economia* que expressa a incapacidade de autorregulação do sistema capitalista nas condições históricas da desmedida do valor. Diz Prado (2005): “[...] o sistema capitalista passou a requerer uma regulação consciente – não para que funcione bem (keynesianismo) – mas para que possa continuar existindo [...]”. Entretanto, a regulação consciente entra em contradição com a liberdade dos capitais. A contradição não-antagônica entre o *capital em geral* e os *múltiplos capitais* adquire forma extrema, expondo cada vez mais o caráter anárquico do capitalismo.

Mas a desmedida do valor alterou também a categoria “lucro” das corporações industriais com o surgimento daquilo que Reinaldo Carcanholo denominou de *lucro fictício* (GOMES, 2015). Nas condições históricas de expressão da desmedida do valor, o capital fictício adquiriu uma dimensão desmedida, tornando-se capital financeiro, fração hegemônica do capital que subsume em si e para si, as demais frações do capital (capital produtivo, capital comercial e capital bancário) (CHESNAIS, 2004). Enfim, capital fictício, dinheiro fictício, lucro fictício são categorias que expõem a nova configuração histórica do capitalismo tardio

afetada pela desmedida do valor. Apesar disso, o modo de produção capitalista preserva (e eleva) num patamar superior, a exploração da força de trabalho.

Entretanto, a desmedida do valor produz impactos nos parâmetros categoriais da *lógica da exploração*. A dimensão de *ficticidade do capital* por conta do “salto mortal da produtividade do trabalho” e a desmedida do valor transfigura (ou elimina), de acordo com Francisco de Oliveira, a jornada de trabalho, implodindo, deste modo, a categoria de “capital variável”. Diz ele que “a tendência do capital moderno é a de suprimir o adiantamento de capital: o pagamento dos trabalhadores não será um adiantamento de capital, mas dependerá dos resultados da venda dos produtos-mercadorias.” (OLIVEIRA, 2003).

Para Francisco de Oliveira, ocorreu uma mudança radical na determinação do capital variável, tendo em vista que, de acordo com Marx, o capital variável se trata de um adiantamento do capitalista aos trabalhadores. Diz ele: “É ‘variável’ porque sua resultante na formação da mais-valia depende das proporções de emprego da mão-de-obra e dos tempos de trabalho pago e não-pago. ”. Enfim, os rendimentos dos trabalhadores agora dependem da realização do valor das mercadorias ou, ainda, é como se os rendimentos do trabalhador agora dependessem do lucro do capitalista (o que talvez explique a proliferação das formas de remuneração flexível, um elemento compositivo da *nova precariedade salarial*).

Como capital variável, os salários eram um “custo”. Entretanto, como dependentes da venda das mercadorias/produtos, os rendimentos do trabalho, que não são mais adiantamentos do capital, já não são “custos”. É claro que existem setores ainda dominados pela forma-salário, tendo em vista que a lógica da desmedida do valor é desigual e combinada em sua dinâmica histórica – tanto por setor da economia, quanto por região ou país. Por exemplo, Eleutério Prado distingue *centro* e *periferia* do sistema, observando que, enquanto nos países centrais proliferam as atividades da *pós-grande indústria* (o “novo modo de produção” [sic] no interior do modo de produção capitalista caracterizado pela desmedida do valor), na periferia do sistema capitalista as atividades produtivas, vinculadas ainda à grande indústria, sofrem a coerção sistêmica do tempo de trabalho socialmente necessário, isto é, do valor.

Entretanto, o que se observa é que a reação dos capitalistas é desempregar força de trabalho, com destaque para os setores produtivos da economia de alta composição orgânica do capital. A lógica produtivista dos loci de produção (desmedida) do valor se dissemina pela totalidade social da produção do capital, inclusive de setores improdutivos – interiores ou

exteriores à produção do capital. Oliveira afirma: “O conjunto de trabalhadores é transformado em uma soma indeterminada de exército da ativa e da reserva, que se intercambiam não nos ciclos de negócios de negócios, mas diariamente. Daí termina a variabilidade do capital antes na forma de adiantamento do capitalista.” (OLIVEIRA, 2003)

Deste modo, para Francisco de Oliveira, a forma líquida da superpopulação relativa do capital é absorvida pela forma estagnada. Essa mudança radical da categoria de “capital variável” pode ser percebida nas formas de trabalho precário (ou trabalho informal). Na verdade, as mutações estruturais do “capital variável” ou o fim da variabilidade do capital produz alterações no estatuto do trabalho, explicando, assim, a ampliação do “trabalho precário” e terceirizado na era do capitalismo global. Diz Oliveira: “O setor informal apenas anuncia o futuro do setor formal” (OLIVEIRA, 2003).

Essa constatação de Francisco de Oliveira explica o surgimento da *nova precariedade salarial*, com a “implosão” da jornada de trabalho, a vigência da remuneração flexível e a disseminação dos contratos precários. Com o término da variabilidade do capital, “os postos de trabalho não podem ser fixos ou ainda, os trabalhadores não podem ter contrato de trabalho, e que as regras do *Welfare* se tornaram obstáculos à realização do valor e do lucro, pois persistem em fazer dos salários – e dos salários indiretos – um adiantamento de capital e um ‘custo’ do capital” (OLIVEIRA, 2003). Francisco de Oliveira expõe os impactos da desmedida do valor na esfera da exploração a partir do qual Karl Marx organizou um complexo categorial de suma importância no desvendamento da produção do capital. Portanto, o capitalismo fictício não abole a exploração, mas transfigura seus elementos categoriais, como, por exemplo, a categoria de capital variável, forma-salário e jornada de trabalho.

Pode-se dizer que a própria categoria de trabalho produtor de mais-valor (o trabalho abstrato) se impregna de *ficticidade* (tal como o capital, a forma-dinheiro e a forma-lucro). Portanto, a plena validade da mais-valia relativa, a altíssima produtividade do trabalho permitiu ao capital eliminar a jornada de trabalho e, com isso, diz ele, “utilizar o trabalho abstrato dos trabalhadores ‘informais’ como fonte de produção de mais-valor.” O caso dos serviços capitalistas, diz Francisco de Oliveira, é um caso exemplar: criou-se uma espécie de “trabalho abstrato virtual”. Ele não explica com clareza o que seria o “trabalho abstrato virtual”, dizendo tratar-se de uma nova mais-valia ou forma exótica “onde o trabalho aparece

como diversão, entretenimento, comunidade entre trabalhadores e consumidores: nos shopping centers. Mas é na informação que reside o trabalho abstrato virtual”. E prossegue:

O trabalho mais pesado, mais primitivo, é também lugar do trabalho abstrato virtual. Sua forma, uma fantasmagoria, um não-lugar, um não-tempo, que é igual a tempo total. Pense-se em alguém em sua casa, acessando sua conta bancária pelo seu computador, fazendo o trabalho que antes cabia a um bancário: de que trabalho se trata? Por isso, conceitos como formal e informal já não têm força explicativa. (OLIVEIRA, 2003)

Pelo visto, o trabalho abstrato virtual possui proximidade com o que denominamos “forma derivada do valor” que envolve as pessoas-que-trabalham nas instâncias do trabalho improdutivo. Na verdade, trata-se da subversão categorial dos parâmetros da acumulação do valor dada pela alta produtividade do trabalho que, de acordo com Francisco de Oliveira, “deu um salto mortal em direção à plenitude do trabalho abstrato”. Entretanto, diríamos nós, ao impor plenamente à vida social, o trabalho abstrato transfigurado pela alta produtividade de trabalho “morreu”, no sentido de que a dita plenitude se reduz às *formas derivadas de valor* que não dizem respeito ao trabalho abstrato propriamente, mas àquele abstrato efetivo, o que Oliveira denominou de “trabalho abstrato virtual”.

No plano da formação do *valor efetivo*, o capitalismo global, predominantemente financeirizado, vive uma crise estrutural que diz respeito à formação do valor (produção/realização) – crise de superprodução e crise de subconsumo articuladas no seio da hipermodernidade capitalista. No plano da práxis social, presenciamos a ampliação – intensa e extensa – do “trabalho abstrato virtual”, *simulacro* do trabalho abstrato efetivo e matriz objetiva das formas derivadas de valor.

Enquanto se reduziram, *em termos relativos*, os trabalhadores assalariados diretamente produtivos por conta do aumento da composição orgânica do capital, no sentido da diminuição do fator subjetivo do processo de trabalho em relação aos seus fatores objetivos, cresceu o contingente de trabalhadores assalariados “improdutivos” interiores à produção do capital, isto é, empregados vinculados às atividades de circulação e distribuição das mercadorias; ou mesmo, trabalhadores assalariados vinculados ao setor de comércio e finanças, importantes setores “improdutivos” do capitalismo global vinculados à realização do valor. A crise de realização do valor, num cenário de superprodução/subconsumo, impulsionou a ampliação do trabalho de circulação e distribuição de mercadorias no setor formal e informal da vida social, atividades improdutivas que absorvem hoje – mais do que nunca - um imenso contingente de pessoas-que-trabalham.

Entretanto, como aconteceu com setores diretamente produtivos do chão-de-fábrica, a sanha voraz do aumento da produtividade do trabalho levado a cabo pela concorrência universal, mesmo nas áreas de venda e distribuição, atingiu os *setores improdutivos interiores à produção do capital*, não apenas com novas técnicas gerenciais de racionalização do trabalho, mas com a introdução de processos de automação microeletrônica que contribuíram para a redução relativa do proletariado da distribuição e comércio de mercadorias.

Ao mesmo tempo, cresceram também, no século XX, por conta das necessidades de reprodução social do capital e da luta de classes, os *trabalhadores assalariados “improdutivos” exteriores à produção do capital*, isto é, trabalhadores públicos, subsumidos ao Estado político do capital, constituindo-se, deste modo, um complexo multifacético de serviços – muitos deles “autônomos” ou por conta própria nos serviços capitalistas.

O capitalismo global como sistema mundial produtor de mercadorias é o capitalismo da industrialização universal. Nos “trinta e cinco anos perversos” do capitalismo global (1980-2010), constituiu-se, pela primeira vez na história humana, o sistema mundial produtor de mercadorias. Tudo – ou quase tudo - incorporou a *forma-mercadoria*. Com a queda da URSS, a dissolução do “socialismo real” e a incorporação da China no circuito de valorização do capital produtivo, o mercado mundial tornou-se uma realidade efetiva numa dimensão planetária, assumindo a dimensão de mercado global sob a dominância do capital financeiro. A presença exacerbada da grande indústria na vida social – grande indústria “afetada de negação” como pós-grande indústria por conta da desmedida do valor -, aumentou, em termos absolutos, o contingente da força de trabalho que produz diretamente mais-valor (trabalhadores assalariados produtivos da indústria propriamente dita ou indústria de serviços, incluindo, por exemplo, indústria cultural, educação e saúde privatizados). Entretanto, paradoxalmente, apesar da expansão da grande indústria capitalista, presenciamos a crise de formação (produção/realização) do valor (a posição da desmedida do valor é um elemento da crise de formação do valor).

O processo de reestruturação produtiva tornou-se perpétuo no movimento insano do capital global, promovendo, de modo contínuo, a *precarização do trabalho* como característica estrutural do modo de produção sob a crise estrutural do capital. Assistimos, nos “trinta e cinco anos perversos do capitalismo global” (1980-2015), não apenas a redução, *em termos relativos*, da força de trabalho diretamente produtiva por conta do aumento da produtividade de trabalho devido, o novo arcabouço tecnológico da produção do capital, mas

presenciamos, também, a constituição da *nova precariedade salarial*, caracterizada pela disseminação do estatuto salarial precário da força de trabalho assalariada e pelo desmonte das categorias de jornada do trabalho e da forma-salário (remuneração flexível) e a introdução de novos métodos de gestão toyotista acoplada às novas tecnologias informacionais. Reduziu-se, em termos relativos, nos núcleos mais dinâmicos do capital, o *quantum* de trabalhadores produtivos por conta do “salto mortal da produtividade do trabalho” e aumentaram-se os trabalhadores improdutivos – internos ou externos a produção do capital.

Com a *empresa em rede*, a superpopulação relativa em sua forma estagnada ampliou-se, na medida em que se reduziu o “núcleo” de trabalhadores diretamente produtivos, demitindo-se ou expelindo-se para empresas-terceiras a força de trabalho produtora de valor. A produção do valor depende, cada vez mais, da população trabalhadora estagnada imersa na contratação salarial intermitente e precária. Ao constituir-se como empresa-rede, o capital global criou circuitos de transferência de valor das empresas-terceiras, que adotaram como nova modalidade de consumo do trabalho a superexploração da força de trabalho para a empresa-mãe. A pulsão do valor agregado das empresas-terceiras, onde aumentou a taxa de exploração, ocorre por meio da lógica toyotista da rede, que se põe como determinação contratendencial à redução da exploração da força de trabalho organizada no “núcleo orgânico” do sistema-mundo do capital global reestruturado (downsizing). Na verdade, a rede amplia a base constitutiva da produção do valor.

O movimento contratendencial, que aumenta de modo ampliado a taxa de exploração social, cria dificuldades efetivas para a realização da mais-valia acumulada na esfera produtiva, tendo em vista a precariedade da capacidade aquisitiva da massa do povo, exigindo novos movimentos contratendenciais no plano dos novos mercados, expansão do crédito, obsolescência planejada de mercadorias, ou, ainda, a redução do preço unitário das mercadorias por conta do aumento da produtividade do trabalho, repondo, assim, o circuito de contradições internas à produção de mercadorias. No plano da totalidade social, cresceu a produção redundante da força de trabalho como mercadoria, que aparece como superpopulação relativa de homens e mulheres supérfluos incorporados em atividades improdutivas na ótica do valor (o que explica a difusão global das multifacéticas atividades de comércio e serviços – formais ou informais, lícitos ou ilícitos).

A vigência da precarização estrutural do trabalho como traço do capital global é resultado da *equalização diferencial da taxa de exploração no mercado mundial*

(MÉSZÁROS, 2002). Na era do capitalismo global no século XXI, o *capitalismo da desmedida do valor*, exacerbou-se a acumulação do capital-dinheiro (“dinheiro fictício”) por conta do “salto mortal” da exploração da força de trabalho nos limites exponenciais da mais-valia relativa. Ao mesmo tempo, cresceu a concentração de riqueza abstrata – a maior parte dela, “lucros fictícios” obtidos na especulação com o capital fictício - e aumentou *pari passu*, a desigualdade social no mundo histórico do capital numa proporção inédita. Este é o capitalismo global do século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mutações orgânicas na produção do valor no sistema mundial do capital por conta do aumento da composição orgânica do capital, ou seja, o aumento crescente do capital constante em relação ao capital variável (em termos de valor) e o “salto mortal da produtividade do trabalho” por conta das profundas mudanças na base tecnológica de produção do capital, levando à “desmedida do valor”, produziram importantes alterações na *totalidade viva do trabalho*. Como salientamos acima, ocorreu a universalização da condição existencial de proletariado e a ampliação do mundo social dos serviçais, trabalhadores “improdutivos”, assalariados exteriores à esfera da produção do valor que compõem a população redundante do capital. Ao mesmo tempo, ocorreram mudanças estruturais na forma de ser da exploração por conta da “nova precariedade salarial” baseada no trabalho flexível e da precarização estrutural do trabalho que caracteriza a ordem do capital em sua etapa de crise estrutural. Como resultado imediato, aprofundaram-se as contradições vivas do capital no plano da ordem social.

O capitalismo do século XXI – capitalismo global predominantemente financeirizado e sob a dominância neoliberal, é um capitalismo profundamente “afetado de negação” – ou, como diria Ruy Fausto (1989), um capitalismo que se caracteriza pela “negação do capitalismo no interior do próprio capitalismo”. Neste pequeno ensaio, buscamos delinear, em linhas gerais, o movimento das contradições vivas do capital em sua etapa de crise estrutural no plano da objetividade social. É claro que mudanças radicais no modo de ser-precisamente-assim do capital produzem importantes reverberações nas esferas socioculturais e político-institucionais do mundo do trabalho, exigindo dos analistas sociais a capacidade de articular, numa perspectiva dialética, a objetividade e subjetividade do mundo do trabalho, ou seja, dinâmicas estruturais do sistema do capital, tal como expomos acima, e processos sociais,

políticos e culturais que delineiam – em-si e para-si - o movimento da “classe” do proletariado.

**CRISIS OF GLOBAL CAPITALISM, UNMEASURED OF VALUE AND THE
CHANGES OF THE LIVING TOTALITY OF LABOR
- NOTES ON THE CAPITALISM OF THE XXI CENTURY**

Abstract

The purpose of these critical notes is to expose the radical changes in the way of being of the world proletariat from the changes in the dynamics of production value due to the increase of the organic composition of capital and the effective manifestation of the unmeasured of value. We will discuss the problem of the universal alienation and the spread of the existential condition of proletarianism, the crisis of abstract labor society and the social world of the servants; and the defacement of surplus value production parameters because of the manifestation of the unmeasured of value due to the increase of labor productivity in the era of global capitalism.

Keywords: Work. Capitalism. Exploitation. Precariousness and insecurity.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.
- ALVES, Giovanni. **A tragédia de Prometeu: A degradação da pessoa humana-que-trabalha na era do capitalismo manipulatório**. Bauru: Projeto editorial Praxis, 2017.
- _____. **Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. São Paulo: Boitempo editorial, 2011.
- _____. **Dimensões da precarização do trabalho: Ensaio de sociologia do trabalho**. Bauru: Projeto editorial Praxis, 2013.
- _____. **A condição de proletariado: A precariedade do trabalho no capitalismo global**. Bauru: Projeto editorial Praxis, 2008.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho**. Bauru: Projeto editorial Praxis, 1995.
- CHESNAIS, François (Org.). **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configurações, consequências**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.
- FAUSTO, Ruy. **Marx, Lógica & Política**. Vol. 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- _____. **A Pós-grande indústria nos Grundrisse (e para além deles)**. In: Lua Nova, novembro de 1989, no. 19. São Paulo: CEDEC, 1989.
- MARX, Karl. **O capital: Crítica da economia política**. Vol. 1. São Paulo: Boitempo editorial, 2013.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.
- MÈSZÁROS, István. **Para além do capital: Rumos uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo editorial, 2002

KURZ, Robert. **O colapso da modernização: Da derrocada d socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo editorial. 2013.

ROSSO, Sadi dal. **Mais trabalho!** São Paulo: Boitempo editorial, 2012.

GOMES. Helder (Org.). **Especulação e lucros fictícios: Formas parasitárias da acumulação contemporânea**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

PRADO, Eleutério. **Desmedida do valor: Crítica da pós-grande indústria**. São Paulo: Xamã, 2005.